

NECROPOLÍTICA, EPSTEMICÍDIO & BIOPODER: AGENTES PARA A DESCONSTRUÇÃO DO HOMEM NO CONTEXTO HISTÓRICO DA AFRODESCENDÊNCIA

Vera Belinato ¹

Antônio Carlos Coqueiro Pereira ²

Alexandre Rosa ³

Warley Teixeira Gomes⁴

RESUMO

O trabalho acadêmico tem como objetivo abordar todo legado histórico em que o homem afrodescendente tem lutado com as políticas públicas que são impostas dentro dos anais sociais, econômicos, educacionais e culturais em que é negado na sua prática devido a força da necropolítica, do epistemicídio e o biopoder dentro da trajetória da luta em ter uma igualdade, liberdade e direito a uma efetiva política pública democrática em que está dentro da Carta Magna de um país. Começa desde o surgimento do homem no tempo primitivo e vai até a contemporaneidade. Foi empregado a metodologia da pesquisa bibliográfica qualitativo, com leitura de Artigos, livros e anais sobre o tema abordado. Tem como alvo, alunos de graduação, pós-graduação, alunos de mestrado e doutorado e quem for interessado no conhecimento do trabalho apresentado nesse artigo.

Palavras-chave: Biopoder; Carta Magna; Epistemicídio; Necropolítica; Políticas Públicas.

LEGADO HISTÓRICO DO HOMEM AFRODESCENDENTE NO MUNDO

A história do homem afrodescendente vem de um contexto bonito dentro da sua existência, pois com toda a sua luta de resistência para garantir a sua sobrevivência, vem sendo cada dia mais forte, mais pura e mais aguerrida como são tratos dentro da camada social coletiva ao percurso da história mundial. Veem relatos bibliográficos, em que a sapiência do homem negro fez para com a sua luta, ter um cunho mundial. Percebe-se que nem sempre o homem negro nunca furtou de vangloriar, evidenciar, omitir e não divulgar o que seus ancestrais produziam a sua cultura pelos longos caminhos de legado em que a sua sobrevivência tem mostrado.

Foi assim na caminhada da sua terra original, quando saiu do continente africano e adentro nas estepes asiáticas, perpassou o continente europeu e quando descobriu a rota através do gelado estreito de Bering e chegou nos longínquos continentes americanos. Por aí já começam

¹ Mestranda no Instituto de Educación Kyre'y Sãso – Asunción – Paraguay; v78beli.12@gmail.com

² Mestrando no Instituto de Educación Kyre'y Sãso – Asunción – Paraguay; antoniocarloscoqueiro@gmail.com

³ Mestrando no Instituto de Educación Kyre'y Sãso – Asunción – Paraguay; xadjvc@yahoo.com.br

⁴ Mestrando no Instituto de Educación Kyre'y Sãso – Asunción – Paraguay; warleyteo@hotmail.com

a compreender a saga desses homens heróis nas buscas da sua sobrevivência, atravessando dificuldades, condições desfavoráveis que fizeram com que a sua resistência perdurasse até hoje. Assim, pode começar a desvendar suas histórias quando séculos depois os ancestrais desses homens no começo da civilização coletiva, foi o percussor de proporcionar que os homens poderiam ser objeto de venda para fortalecer seus lucros e fazer com que o homem africano tivesse outra figura dentro da história no contexto mundial. Começa a outra luta do homem não só de sobreviver às intempéries naturais como as intempéries sociais provocadas por uma injusta concepção de ideológico quanto trata de etnia, de equilíbrio financeiro e com tudo isso uma desigualdade social. Compreender a história do homem negro africano também pode associar ao homem branco com pouca condição de caráter social, de pouco cunho financeiro, de não pertencer a uma prole de sangue real ou de uma nobreza voltada para o meio onde vive. Mas, vamos focar na história do afrodescendente, pois foi o que mais teve resiliência para lutar com as atrocidades em que viveu. Quando homem branco, que foi originado do homem negro que saiu das longínquas terra da “Mãe África” e que por consequência do tempo climático em que viviam passou a ter uma deficiência de melanina e se tornou um homem caucasiano, devido à pouca incidência do contato do sol onde viviam e sobreviviam nas “terras geladas”. Esse homem desenvolveu suas condições de vida, transformou o lugar em uma condição mais favorável do que o velho continente e passou a explorar novas terras com o advento de transportes marítimos, com o tino comercial e principalmente com o aumento do poder financeiro, cultural, intelectual e o poder da força com o equipamento que sobreponha a força humana que foram as armas e a condição de cunho militar. Esses mecanismos, fizeram com que o homem branco voltasse ao velho continente e começou a ver os seus ancestrais não como um ser humano e sim como objeto de cunho comercial, para ser mecanismo de exploração e manter as necessidades do homem branco que ostentavam a sua condição nobre o topo da camada mais elevada do mundo. Foi aí que o homem negro passou a ser umas das mais preciosas ferramentas de comércio naquela época e o começo da escravidão.

As lutas para não serem explorados começavam com as mutilações dos seus próprios corpos, com os conflitos internos entre tribos que faziam pactos com o homem branco para derrotar os seus adversários para conseguir expandir seus territórios e aqueles que eram derrotados e capturados eram vendidos ou trocados por armas ou outras mercadorias com o homem branco e esses que eram comercializados vinham para Europa ou para as colônias dos países europeus em novas terras descobertas. Também o próprio homem branco promovia massacres

nas terras africanas para capturarem os homens brancos e também vender. Com isso o homem negro começou a povoar os continentes de forma em que esse povoamento era sofrido e desigual.

A SEGREGAÇÃO DO HOMEM AFRODESCENDENTE NO MUNDO.

A luta do homem afrodescendente começa no tempo medieval em que a servidão era dos vassallos e plebeus que eram homens brancos que não tinha nobreza, não tinham amigos influentes com reis e com os homens ligados aos reis que tinha status de nobres, eram aqueles que não tinham ligação mais íntima com o clero e que não possuíam posse ou alguma forma de dinheiro. Dependiam dos Senhores Feudais e assim por diante. Quando houve a queda dos feudos, que os vassallos e plebeus passaram a viverem nos grandes centros, surgiram uma outra camada social que foram os burgueses em que essa palavra vem de sua origem que é BURGUS que significa comércio. Assim, esses homens originaram dos feudos, na sua maior parte, tornaram burgueses porque utilizaram do comércio para subir na pirâmide etária econômica social. Isso foi bom para os antigos vassallos e plebeus, porém, sutil um efeito ruim para aqueles que não conseguiram expandir socialmente e financeiramente, tornando-se plebeu e recorreram à mão-de-obra barata que foram a utilização de escravos do velho continente. Com essa metodologia, também foram empregadas nas suas colônias recém descobertas como foi na Nova Inglaterra, no Canadá e onde os países europeus tiveram suas terras estendidas para exploração. Esse advento trouxe uma outra conjuntura social mundial, onde as políticas racistas tiveram maior concentração de exploração do homem de cor para com o homem branco. Viu isso na África do Sul, no continente australiano, nos países das Américas do Sul e Central e principalmente na maior colônia de desenvolvimento que foram os Estados Unidos da América. Até uma grande Guerra Cívica aconteceu devido ao interesse de abolir a escravatura nesse território, causando muitas mortes e destruição por todo o país. O legado da luta do homem afrodescendente começa quando termina essa guerra civil e as atrocidades de segregação começa acontecer não só nos Estados Unidos como também na Austrália e na África do Sul e nos países onde a política de segregação racial foi impulsionada pelo poder da necropolítica, do epistemicídio e do biopoder.

A SUBJUGAÇÃO DO HOMEM DENTRO DO CONTEXTO MUNDIAL: HOMEM SEM DIREITO A TER DIREITO.

Assim, não distinguiam quem era de cor ou se eram caucasianos ou até mesmo aqueles que já foram um dia afortunados e caíram na pobreza com falência ou perda dos seus bens. Verificar um ajuste no surgimento de subpoderes (subclassificações) entre as classes miseráveis. É válido destacar que entre a classe da pobreza espera-se que todos se enxerguem como iguais, porém o que foi percebido historicamente e isso reverbera nos dias atuais é que não é bem assim a dinâmica social. O que chama a atenção é a presença de uma hierarquia dentro da classe desfavorecida uma espécie de subclasses onde, embora todos estivessem na mesma condição econômica, quem tinha mais atributos como, por exemplo, de nível educacional, beleza, cor de pele que estivessem mais próximos daquilo que a sociedade aprovava sobressaía em detrimento dos demais. O que configura também uma busca pelo domínio do outro, a busca pelo poder continua mesmo dentro desse contexto desfavorecido. Isso é o que se espera evidenciar nos demais tópicos, destacando que a ausência de políticas públicas, após as leis que favoreceram a alforria, causaram consequências ainda mais danosas dentro desse contexto. Assim foi a humanidade séculos afora. Hoje se pode notar que isso trazia consequências drásticas nos tempos da propagação da cólera, da devastação por insetos em lavouras no Egito, nas proliferações da peste bubônica, Da varíola, sarampo, malária, a gripe espanhola, o H1N1, ebola, SIDA (AIDS) e agora o COVID 19. Nós não vivemos na época da Peste Negra ou da peste bubônica, mas hoje podemos imaginar e retratar como foi isso na Europa. Muitas vezes morriam ricos, morriam pobres, negros, branco e etc. Mas, o que mostra hoje pode ser comparado os que eram de classe média e inferior eram os que mais sofriam, pois não tinham amparo de reis, príncipes, dos Senhores Feudais e nem da nobreza. Assim é possível contextualizar ou fazer uma analogia sobre o que acontecia naquela época. O descaso das autoridades e dos que eram afortunados compara com os burgueses de hoje, encabeçado por um presidente que não tem a noção do que está acontecendo no país e vira as costas para milhares de pessoas infectadas, pessoas que perderam a vida e estimulando psicologicamente a população a pensar que está tudo normal com atos irresponsáveis, não dando exemplo do que é correto fazer e de encontra a ciência da formação do homem e a conjuntura do bem está da população que preside. Assim a barbárie do poder faz com que a necropolítica, epistemícidio e o biopoder entrelaçam dos séculos anteriores e vem desmascarar um conceito de sociedade e de Constituição de uma nação ir para o ralo e para uma sarjeta com ideais neoliberal e fascista. O povo sofre, e historicamente foi uma ferramenta de alienação para a sustentação dos que estão na camada mais alta da pirâmide social e isso percebe que na visão de um aristocrata, de um político, de burgueses e de quem ostenta poder necessita de quem está nas camadas inferiores para que essa sustentação dá sua base não seja esfacelada, isso

acarretaria uma situação que não saberia se conseguiria suportar. A história continua mostrando essa realidade, que nunca vai deixar de existir se não houver uma reviravolta no contexto político mundial, no que trata da concepção que o dinheiro não é mais importante do que a vida humana, do que a pose de lorde, da ganância do poder político, da exploração humana e da concepção que existe seres humanos inferiores e outros superiores. O homem na sua essência deveria ser um sujeito puro, pois nasce puro, não acredita que a sociedade lhe corrompe, o que corrompe ao homem é o seu caráter, a sua concepção do ter para o ser e não ser para ter. O processo conceitual desse homem vem das questões filosóficas da História Antiga, Idade Média, da modernidade e perpassa na contemporaneidade. Assim vemos em quase toda concepção os interesses pessoais (individuais), sociais (coletivos), de instituições e por último de organizações em que não se observa uma tendência de buscar terceiras, quartas e quintas intenções no que promovem, não busca uma realidade do que é bom para todos de forma natural. Pode entender que o homem, independente de etnia, de classe social, credo, poder econômico e do espaço onde está inserido, deve ser visto com igualdade, com direito a liberdade, com o contexto para o seu desenvolvimento intelectual, desenvolvimento cultural e do desenvolvimento social. Assim, o homem não pode ser ferramenta para sustentação de poder do outro homem, sim, dever ser parceiro com igualdade para ter uma vida e uma sobre vida dos seus, a sua própria e dos seus descendentes. Outro mecanismo alienador é a instituição chamada escola, pois com seus aparatos institucionais metodológicos dentro das suas normativas que deveriam promover uma conjuntura do que está sendo empregado no presente, ser libertária, democrática, igualitária na forma como emprega suas funções em ser mais plural, mais concisa no seu objetivo nos seus propósitos públicos e educacionais. A escola ainda é punitiva, a escola ainda é excludente e o pior, é privilegiadora das camadas que sustentam o poder. Ver a forma como suas diretrizes no papel é uma maravilha no que diz a lei para desenvolver de forma sem a normativa de ser plural e quando vai para a praticidade ver o contrário de tudo que está dentro da normalidade. Precisou ver de uma forma nefasta para ver isso claramente o que está acontecendo no processo do ensino aprendizagem agora na contemporaneidade no tempo de isolamento dos alunos, professores e de todos aqueles que fazem parte da comunidade escolar. Vemos coisas que não estão dentro do contexto educacional de teor da conjuntura social. É visto claramente a desigualdade entre os alunos, a qualidade da formação do professor, a conjuntura tecnológica das escolas e de infraestrutura onde a escola está inserida e por último a condição social desse educando que precisa de uma escola de qualidade e democrática de verdade na sua prática.

A tese que gostaria de discutir é a de que desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em dia. O problema que se impõe nesta medida é saber se por meio da educação pode-se transformar algo de decisivo em relação à barbárie. Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas "se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização — e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade. (ADORN, 2006, p. 70).

Assim, a barbárie dentro da educação é ver seu objetivo central sendo um mecanismo de promoção e de sustentação de elites, de governos em forma antidemocrática, de sustentação do poder e não favorecer o desenvolvimento de quem precisar do conhecimento escolar, das prerrogativas educacionais que favoreçam a sua emancipação dentro de um contexto social. Neste caso, fica claro que o mecanismo de negação ao desenvolvimento está dentro dos moldes da escola antiga, medieval, da escola moderna e que está refletindo na contemporaneidade.

AS CAMADAS QUE MAIS SOFREM COM A NECROPOLÍTICA EDUCACIONAL

É percebido que dentro da classe dos pobres existe uma espécie de divisão em subclasses e que entre elas. No contexto social de uma estrutura civilizatória que a camada dos afrodescendentes, devido uma conjuntura de fatores históricos dentro da negação dos seus direitos sendo negligenciados e furtados. Também pela forma como era tratados como objeto de sustentação em um contexto onde a vida, a cultura histórica, e a utilidade para suprir as necessidades do homem branco ainda é uma realidade e como pode notar isso? Dentro das normativas sociais, das normativas educacionais e por uma normativa camuflada e que na pratica só beneficia quem está no poder que é a da justiça. Essa forma de agir perante as regulamentações do que propõe as ideologias sociológicas educacionais é muito perversa, porque nunca foi contada claramente nas escolas como o negro veio para as colônias administradas por países europeus, nunca foi estudada de forma clara a verdadeira história do homem africano no seu habitat no ensino fundamental da educação básica, tem como imaginar dentro de uma compreensão que o homem africano quando eram trazidos para as colônias não faziam resistência e que eram covardes. Observa-se também que as escolas nunca contaram em suas aulas como era verdadeiramente tratado o homem afrodescendente na labuta nas grandes fazendas, seus castigos, suas obrigações que iam dos trabalhos mais

pesados como o mais leve que eram a de satisfazer prazerosamente seus donos, tanto o masculino quanto ao feminino. Assim eram tratados os afrodescendentes no seu cotidiano dentro das fazendas, senzalas e nos locais onde era permitido frequentar. Quando a escola esconde isso, percebe que a negação do homem como ser humano, foi para terceiro plano e isso descaracteriza o conceito de homens lutadores e aguerridos. Caminhos tortuosos fazem com que essa prática educacional aliene cada vez mais o conceito do que é bom para o crescimento intelectual para os que estão a margem da desigualdade social no Brasil. Quando há negação para o desenvolvimento claro das estruturas educacionais, quando prepara o professor em uma formação qualificada, quando equipa escolas com recursos tecnológicos, quando estrutura o espaço físico das unidades escolares, quando proporciona livros que realmente trata de uma metodologia e prática pedagógica libertadora, a política pública neste caso empregado é para a verdadeira transformação do indivíduo, mas infelizmente esse não é o interesse de quem ostenta o status do poder e nele deseja. Primeiro vai na maioria dos que estão na margem da desigualdade social, os afrodescendentes, segundo vai nos indígenas que precisam de ser equiparados na justa condição de ter uma política pública com maior ênfase por ser humano e ser o primeiro habitante a morar nesse país e o terceiro sujeito é o homem caucasiano de classe menos elevada socialmente, pois esse homem branco também vai ser a ferramenta para a sustentabilidade e ainda tem aqueles que não tem nenhuma perspectiva de ser recolocado em uma esfera social adequada por ser desmotivado a ser um cidadão transformado, ser reflexivo e ter uma condição mais eficiente na camada social devido as negações do seu direito como um ser humano. Neste caso a barbárie mencionada na citação acima, são as formas em que a educação manipulada por quem está no poder faz com as classes menos favorecidas negligenciando o acesso ao conhecimento e a preparação para ter um desenvolvimento educacional, intelectual para romper as barreiras da miséria e da desigualdade. Assim vê-se claramente como o poder da escola pode emancipar todas as barreiras e condições a vida de quem precisa evoluir e adquirir uma melhor oportunidade para o desenvolvimento. A ideologia de quem está no poder é nítida, fica no seu lugar aceita a sua condição de ferramenta de sustentação do meu poder e tu terás comida, água e uma situação para sobreviver. Assim é a visão de quem ostenta e sustenta a condição de manipular quem está precisando de oportunidade e condição para a manutenção da sua evolução. Disso advém a ideologia educacional em relação ao desenvolvimento do homem negro no Brasil. A necropolítica esconde a história do negro nos anais da educação nacional, no contexto de conhecer toda a cultura dos seus ancestrais para ser repassado para os seus descendentes. A aprovação da Lei 11.645/2008, não trouxe muito avanço na questão da negação dos estudos

da cultura dos afrodescendentes nas escolas públicas, pois nem toda escola colocou em prática o que diz a Lei, não houve uma capacitação para o emprego da lei e nem tão pouco uma fiscalização para o cumprimento nas escolas por parte dos coordenadores pedagógicos e implementam de uma forma grosseira um desequilíbrio entre a aplicação da lei e o seu não cumprimento. Como pode ser uma educação emancipatória dentro do contexto social, visto que até o livro didático quatorze anos atrás viviam mostrando uma realidade do homem caucasiano e não mostrava a realidade do homem negro. Quando houve uma política do livro didático de contemplar a imagem das atividades do cotidiano do homem negro, da figura do homem negro e a cultura do homem negro nos livros didáticos, percebe-se uma leve impressão que não tem uma contextualização real, não mostra claramente a cultura do negro antes e após a sua estadia no Brasil. A emancipação da educação continua sendo uma cultura do poder e dos que querem manter a política de sustentação das elites. Nesse sentido, vemos que a necropolítica está fazendo o seu papel que é matar a cultura do homem afrodescendente como também negligenciar a sua história dentro de uma sociedade em que o negro e pobres ficam a margem de uma educação de qualidade.

Existe aí duas coisas: o olhar e a interiorização; no fundo, não será o problema do custo do poder? O poder, na verdade, não se exerce sem que custe alguma coisa. Existe evidentemente o custo econômico e Bentham fala sobre ele: quantos vigias serão necessários? Consequentemente, quanto a máquina custará? Mas existe também o custo propriamente político. Se a violência for grande, há o risco de provocar revoltas; ou, se a intervenção for muito descontínua, há o risco de permitir o desenvolvimento, nos intervalos, dos fenômenos de resistência, de desobediência, de custo político elevado. Era assim que funcionava o poder monárquico. Por exemplo, a justiça só prendia uma proporção irrisória de criminosos; ela se utilizava do fato para dizer: é preciso que a punição seja espetacular para que os outros tenham medo. Portanto, poder violento e que devia, pela virtude de seu exemplo, assegurar funções de continuidade. A isto os novos teóricos do século XIX respondem: é um poder muito oneroso e com poucos resultados. Fazem-se grandes despesas de violência que tem pouco valor de exemplo; fica-se mesmo obrigado a multiplicar as violências e, assim multiplicam-se as revoltas. (FOUCAULT, 1979, p.120)

Para a sustentação do poder, tem que haver uma troca de obediência para quem serve e nesse caso quem obedece são aqueles que vivem na margem da miséria, dependendo da boa vontade de quem promove algum benefício em troca da submissão dos favores oferecido. Assim são aquelas pessoas em que não compreendem que tem direito, não foi preparado para essa compreensão e acaba sendo enganado para exercer a tarefa de subjugação dos que estão na camada superior da pirâmide etária econômica. Nesse contexto a escola exercesse o poder da necropolítica associada com o biopoder.

A FORMAÇÃO DO HOMEM NEGRO PARA DESEMPENHO SOCIAL E O SEU DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

De acordo o que foi mencionado nos escritos, percebe que a injusta condição escolar que é oferecida para a comunidade quilombola, que tem por finalidade de preservar a cultura afro aos seus povos de origem daqueles que vieram para esse país com o propósito de trabalhar em regime de torturas, obrigatoriedade, de negação de direito e de proibição em muitas vezes dos casos separados de suas famílias, pois nem todos eram comprados pelos mesmo dono de fazendas e de engenhos, sentiam como vivessem em outro mundo. A diversidade de culturas que emana nesse país foi consequência dessa separação e provenientes de lugares específicos ao manejo de atividades além mar, nas suas terras natais de acordo com a atividade de cada região africana. Aqueles que tinham a atividade agrícola e de pastoreio, iam para as fazendas de cana-de-açúcar e da criação, os que tinham a cultura do garimpo ou de extrativismo, iam ser garimpeiros nas Lavras de Minas Gerais, e assim era a distribuição desses povos no país. Por isso vemos diferentes formas de falar no Brasil com sotaques diferenciados. Assim foi o legado do homem como mercadoria. A escola não retrata essa conjuntura, não retrata quando a assinatura da Lei Áurea foi assinada e promulgada, o homem de cor não tinha profissão, não tinha formação e nem tinha direito social. Teve que enfrentar diversas condições para que pudessem sobreviver. Foi necessário ir para os lugares da mediação dos grandes centros, ser útil em serviço braçal, não tinha direito a frequentar escola e ficou a mercê das adversidades da vida. Assim surgiram as favelas, a desigualdade social mais desumana que eram antes, porque era de brancos pobres com os brancos ricos, as vezes poderiam ser superados e como o homem negro ia superar além de ser pobre e sem nenhuma estrutura e com uma cor negra? A desigualdade foi tão grande que o reflexo nos dias de hoje é bem claro e perverso. Sabe que quando começa uma crise de saúde, quando acontece uma falta de estabilidade econômica e financeira, quem é que mais sofre? São os das camadas mais pobres que na sua maioria são os negros. A política educacional, social e a econômica de um país que já foi escravocrata só sobra para aqueles descendentes e dentro dessas políticas sociais governos criaram áreas de pessoas que são oriundas de descendências de escravos que são chamadas comunidades remanescentes de quilombos, popularmente conhecidas de comunidades quilombolas. Por força da Lei são destinados recursos para desenvolvimento social, cultural, estudantil, saneamento básico e de melhor conforto. Sabe o que acontece? Adivinhem quem gerencia essa verba? O homem branco, através de prefeituras. Pronto, será que o destino desses recursos é bem empregado? De acordo com a lei, os recursos são superiores por exemplo na

educação valor aluno maior do que do ensino regular para o aluno branco, o valor percupto da diferenciação da merenda é maior para o aluno quilombola do que para o aluno branco em uma escola regular e a condição metodológica e didática também são diferenciadas e será que são empregadas essas normativas? Aí percebe o negligenciamento do saber para uma formação adequada para a vida do homem negro na escola. Com todo isso os que ostentam o poder ainda está usando o homem negro para a sustentação do seu status social, com a concepção do que está fazendo e ao mesmo tempo usando de forma epistemicída de negar o que realmente é colocado nos anais do que trata da fomentação dos direitos em ter uma política pública voltada para o desenvolvimento humano de acordo com a sua cultura.

A NECROPOLÍTICA E EPISTEMICÍDIO DA JUSTIÇA E O BIOPODER AO HOMEM AFRODESCENDENTE NO BRASIL

A injustiça social, educacional e econômica faz com que a maioria do homem afrodescendente sofra com o aparato da polícia dentro de uma conjuntura em que a forma como lidam os agentes do poder policial dentro de uma favela ou comunidade que está a margem da pobreza é muito diferente do que acontece nas comunidades voltada para um diagnóstico vergonhoso no contexto social. Parece que tudo, uma coincidência triste geográfica, que está ao sul de alguma região é mais privilegiada do que está ao norte. Veja no Brasil, qual é a região mais desenvolvida? Sudeste e Sul. Vai na África e veja qual é a região com mais poder econômico e desenvolvimento? O Sul. No Rio de Janeiro, onde acontece maior índice de chacina? Zona Norte ou lugares que estão distantes da Zona Sul. isso parece que não é um fato mais científico, mais com muita coincidência e pode observar que essas regiões é onde concentram maior desenvolvimento. Outro motivo é o acesso a escola, o meio de trabalho, formação acadêmica e ou até mesmo um curso profissionalizante, muitos que estão no caminho de marginalização criminal, não frequentam a escola e até mesmo não tem uma estrutura familiar e mesmo assim tem negros que são formados, tem uma vida econômica estruturada ou até mesmo com formação superior são vítimas do infortúnio de ser negro e muitos são mortos por polícias que alegam ter confundido com marginais. O fato de alguém morar em uma periferia, de ter a cor negra e uma desigualdade social o faz vítima de preconceito e são condenados por um julgamento sumário sem condição de defesa. O biopoder entrelaçado com o epistemicídio tirou a vida da Vereadora Marielle, do Garoto João Pedro, dos Garotos da Chacina da Candelária, de muitos acontecimentos que fizeram desse

país, dentro das estatísticas nefastas que o tribunal da inquisição social faz com que o negro seja visto como um ser que não tem direito a ter direito.

Temos assim uma estrutura cruzada, homologa a estrutura do campo do poder, que opõe, como sabemos, os intelectuais, ricos em capital cultural e (relativamente) pobres em capital econômico, e os capitais da indústria e do comércio, ricos em capital econômico e (relativamente) pobres em capital cultural. De um lado, máxima independência em relação às demandas do mercado e exaltação dos valores desinteressados; de outro, dependência direta, recompensada pelo sucesso imediato, em relação à demanda burguesa, no caso do teatro, e pequeno-burguesa, isto é, popular, no caso do vaudeville ou do romance-folhetim. Temos, desde já, todas as características reconhecidas da oposição entre dois subcampos, o subcampo da produção restrita, que é o mercado de si mesmo, e o subcampo da grande produção. (BOURDIEU, 2008, p. 52).

Assim perceber que o biopoder está centrado nas unidades da escola, pois percebe-se que isso vai para o campo da intelectualidade em fazer com que esse poder econômico sobrepõe-se à intelectualidade e quando o indivíduo sobressai de forma em que vai encontrar a necessidade de quem está no domínio econômico faz com que fique ameaçado. Assim se percebe o porquê a fragilidade do homem de cor que pensa tem que ser tirada do foco nas questões em que vai argumentar e questionar sobre o direito de ter direito.

Com toda essa problemática o homem afrodescendente é afastado de muitas concepções educacionais no universo da educação e de uma promoção da sua estrutura financeira e social. Na visão de quem ostenta o poder é que precisa dos componentes da base da pirâmide etária para que o seu domínio nunca seja ameaçado.

AS POLÍTICAS DO DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO EDUCACIONAL E A CONDIÇÃO DO HOMEM NEGRO EM TEMPOS DE PANDEMIA

A condição do homem negro no Brasil com suas políticas públicas sociais e educacionais com ideologia neoliberal fascista, tem uma concepção de distanciamento desse indivíduo dentro do ambiente em que pode promover o seu desenvolvimento intelectual racional, o desenvolvimento emancipatório com a promoção ao direito de bens e de fatores econômicos no contexto da sua sobrevivência que é a escola. Quando vem alguma crise que retrata a falta de um contexto na formação dele é precária e vergonhosa sua real condição. Vamos relembrar alguns fatos que marcam a condição do homem de cor nesse país, a maioria deles moram e sobrevivem de trabalho rural, muitos deles saem de seus longínquos lugares do país, principalmente Norte e Nordeste para a colheita de café e de outras culturas, o período chamado de temporada de colheita, e agora esses homens estão enfrentando uma guerra com

batalhas desiguais que são as modernas colheitadeiras mecanizadas tecnológicas e estão tirando o trabalho desse homem, outro fator é a questão agora dos filhos e alunos que são negros que estão na escola na sua maioria de classe da base da pirâmide etária da economia social, que com o ensino online e com envio de tarefas online não tem acesso a internet e nem um smartphone ou um laptop, aí vemos uma desigualdade enorme e por último, escolas onde esses alunos estudam, não oferecem tais recursos porque também não são aparelhadas com os aparatos tecnológicos necessários para isso. Como isso pode acontecer em uma sociedade que segue uma Constituição Federal que todos têm direito a tudo isso que foi negado a abordado acima? Também pode-se dizer que a nossa Constituição Federal também é uma ferramenta de políticas na praticabilidade como uma forma de sustentação da necropolítica, do epitemicídios do direito do homem de cor e a sustentabilidade do biopoder ideologicamente mascarada no seu contexto prático. Viver em uma sociedade desigual será a sina do homem afrodescendente desse país sendo cada vez mais objeto de exploração física, mental, intelectual e educacional dentro de um paradoxo libertário. Pode-se compreender que as políticas públicas na praticidade tem um cunho ideológico, atende com maior eficácia a uma camada social e enquanto a outra vai ser beneficiada de acordo com o interesse dos que ostentam privilégios de quaisquer natureza, pode ser por qualquer fato que a camada social privilegiada sustenta em uma sociedade, local ou um contexto na sua plenitude geográfica.

METODOLOGIA

Foi empregado a metodologia da pesquisa bibliográfica qualitativo, com leitura de Artigos, livros e anais sobre o tema abordado. Tem como alvo, alunos de graduação, pós-graduação, alunos de mestrado e doutorado e quem for interessado no conhecimento do trabalho apresentado nesse artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O homem, independente de etnia, de classe social, credo, poder econômico e do espaço onde está inserido, deve ser visto com igualdade, com direito a liberdade, com o contexto para o seu desenvolvimento intelectual, desenvolvimento cultural e do desenvolvimento social. Assim, o homem não pode ser ferramenta para sustentação de poder do outro homem, sim, deve ser parceiro com igualdade para ter uma vida e uma sobre vida dos seus, a sua própria e dos seus descendentes.

Entre a classe da pobreza espera-se que todos se enxerguem como iguais, porém o que foi percebido historicamente e isso reverberam nos dias atuais é que não é bem assim a dinâmica social. O que chama a atenção é a presença de uma hierarquia dentro da classe desfavorecida uma espécie de subclasses onde, embora todos estivessem na mesma condição econômica, quem tinha mais atributos como, por exemplo, de nível educacional, beleza, cor de pele que estiverem mais próximos daquilo que a sociedade aprovava sobressaia em detrimento dos demais. Pode-se destacar ainda a ausência de políticas públicas, após as leis que favoreceram a alforria, causaram consequências ainda mais danosas dentro desse contexto. Assim foi a humanidade séculos afora.

Podemos dizer ainda que a necropolítica esconde a história do negro nos anais da educação nacional, no contexto de conhecer toda a cultura dos seus ancestrais para ser repassado para os seus descendentes. A aprovação da Lei 11.645/2008, não trouxe muito avanço na questão da negação dos estudos da cultura dos afrodescendentes nas escolas públicas, pois nem toda escola colocou em prática o que diz a Lei, não houve uma capacitação para o emprego da lei e nem tão pouco uma fiscalização para o cumprimento nas escolas.

Para a sustentação do poder, tem que haver uma troca de obediência para quem serve e nesse caso quem obedece são aqueles que vivem na margem da miséria, dependendo da boa vontade de quem promove algum benefício em troca da sublicencia dos favores oferecido. Assim são aquelas pessoas em que não compreendem que tem direito, não foi preparado para essa compreensão e acaba sendo enganado para exercer a tarefa de subjugação dos que estão na camada superior da pirâmide etária econômica. Nesse contexto a escola exercesse o poder da necropolítica associada com o biopoder

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, ao longo das suas histórias, desde a sua formação, até na contemporaneidade, o homem afrodescendente luta por direito a sua liberdade, a concepção de igualdade perante a todos, a poder praticar e demonstrar sua cultura e ter um lugar mais destacado dentro da sociedade. Infelizmente a história e o legado do homem negro mostra que as injustiças começam dentro do seu contexto como um ser humano, até a máscara em que estão empregadas dentro das Cartas Magnas de cada país onde estão inseridos, pois o que estão dentro desses anais sociais não condiz com sua empregabilidade e praticidade. É uma máscara com que a necropolítica, o epistemicídio e o biopoder, usa da sua influencia para que essa empregabilidade não seja colocada em prática para que os que promovem o emprego dessas

ciências não percam os seus confortos de hegemonia financeira, social e os status que são promovidos para quem ostentam uma posição na camada superior da pirâmide etária econômica de cada país. Assim percebe as injustas promoção dos que são privilegiados e a diminuição dos direitos que estão na base da pirâmide etária da economia, da condição social e cultura. A necropolítica está vivenciada, infelizmente, em todo setor social em que estão inseridos os negros e os menos favorecidos. O epistemicídio e o biopoder estão impregnados nos problemas dos afrodescendentes sociais e também daqueles homens brancos que estão vivendo a margem da pobreza financeiro e social.

REFERÊNCIAS

ADORN, Theodor. Educação e Emancipação. Paz e Terra: São Paulo, 2006.

AGAMBEN, G. Estado de exceção: [Homo Sacer II, I]. São Paulo: Boitempo, 2015.

ALMEIDA, L.R. “ Wallon e a educação “. In: ALMEIDA, L.(org.) e MAHONEY, A.A. (org.). Henri Wallon - Psicologia e Educação. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2ª edição, 2002.

BORDIEU, Pierre. *A reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A produção social da cultura, do conhecimento e da informação / organização Regina Maria Marteleto e Ricardo Medeiros Pimenta*. - 01. ed. - Rio de Janeiro: Garamond, 2017.

FANON, F. Os condenados da terra. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2004.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. *Vigiar e punir*. – (Biblioteca de teoria política; 9) ISBN 978-972-44-1809-4 CDU 316 340 321.01

GALLO, Sílvio; ASPIS, Renata Lima. *Foucault e a educação*. Coleção Filósofos e Educação. São Paulo: Paulus, 2011, DVD. 1 entrevista (60 min), widescreen, color.

MBEMBE, A. Crítica da razão negra. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Michel Foucault - Um crítico da instituição escolar. **Revista Nova Escola**, São Paulo, edição especial 10/2008.

O pensador de todas as solidões. **Revista Educação – Especial Foucault pensa a educação**, São Paulo, v. 3, p. 16-25.

PARO, Vítor Henrique. **Educação como exercício do poder**: crítica ao senso comum em educação. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PINHEIRO, M. M. **Emoção e afetividade no contexto da sala de aula: concepções de professores e direções para o ensino**. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1995.

TRAGTENBERG, Maurício. A escola como organização complexa. In: GARCIA, Walter (org.). **Educação Brasileira Contemporânea**: organização e funcionamento. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976, p. 15-30.

REFERÊNCIA ELETRÔNICA

PEREIRA, Juliana Martins. « MBEMBE, Achille. Necropolítica. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p. », Horizontes Antropológicos [Online], 55 | 2019, posto online no dia 03 dezembro 2019, consultado o 11 junho 2020. URL: <http://journals.openedition.org/horizontes/3977>

<https://deusmelivro.com/critica/critica-da-razao-negra-achille-mbembe-25-11-2014/#.XuJ5MUVKh1s>